



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LUCIA HELENA LOPES NUNES

**O USO DA LITERATURA INFANTIL COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DE
LEITURA**

CAMPINA GRANDE-PB

2017

LUCIA HELENA LOPES NUNES

**O USO DA LITERATURA INFANTIL COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DE
LEITURA**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação
em pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento a exigência para a
obtenção do grau de Licenciado do
curso de licenciatura plena em
pedagogia.**

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Campina Grande-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972I Nunes, Lucia Helena Lopes

O uso da literatura infantil como uma prática cultural de leitura [manuscrito] / Lucia Helena Lopes Nunes. - 2017. 29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Pedagogia".

"Colaboração: Soraya Maria Barros de Almeida Brandão", Glória Maria Leitão de Souza Melo

1. Literatura infantil 2. Ensino fundamental 3. Formação do leitor I. Título.

21. ed. CDD 372

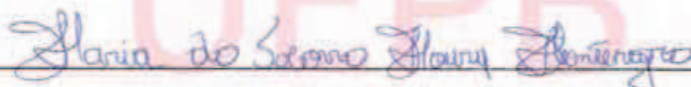
LUCIA HELENA LOPES NUNES

O USO DA LITERATURA INFANTIL COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DE
LEITURA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de
graduação em pedagogia da
Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a
exigência para a obtenção do
grau de Licenciado do curso de
licenciatura plena em
pedagogia.

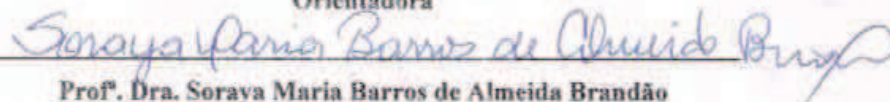
Aprovado em: 08/08/2017

BANCA EXAMINADORA



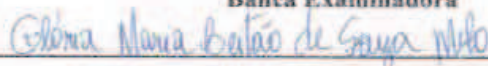
Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Orientadora



Prof. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Banca Examinadora



Prof. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

Banca Examinadora

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. Concisa História da Literatura Infantil	14
1.1. O que é a literatura infantil	17
1.2. A importância da literatura para a formação do leitor	23
2. O que a pesquisa nos diz?	24
2.1. Dados da pesquisa sobre o uso da literatura infantil	25
2.2. Resultados e discussão da pesquisa	26
Considerações Finais.....	29
Abstract	30
Referências.....	31
Apêndice	33

Dedico esse trabalho a Deus que é meu folego de vida em mim, foi meu sustento e me deu coragem para questionar realidades e me propôs um novo mundo de possibilidades e iluminou me caminho no decorrer dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a meus Pais Agnaldo e Dornele que sempre torceram por mim;
- Ao meu esposo Antônio Carlos que teve paciência durante todo meu caminho acadêmico;
- A minha filha Débora Hellen que em todo esse período entendeu minhas horas que abdiquei de estar com ela para estudar;
- A todos os professores que não mediram esforços para nos transmitir seu conhecimento, para nos fazer grandes educadores;
- A meus colegas de turma pela força nas horas de desânimo;
- Por fim e não menos importante a minha professora orientadora Maria do Socorro Moura Montenegro pelo incentivo que tornou possível a conclusão desse curso.

Quem não lê, mal ouve, mal fala e mal vê.

(Monteiro Lobato).

O USO DA LITERATURA INFANTIL COMO UMA PRÁTICA CULTURAL DE LEITURA

RESUMO:

O presente artigo trata-se de um estudo sobre “O uso da literatura infantil como uma prática cultural de leitura”. A pesquisa foi aplicada a uma professora do 1º ano do ensino fundamental I que é onde se dá a alfabetização do aluno. Essa pesquisa tem como objetivo geral refletir como a literatura infantil pode contribuir para a formação do leitor no espaço escolar e como objetivos específicos: a) analisar como o professor utiliza a leitura/literatura infantil para a formação do leitor, a partir da educação infantil; b) analisar como os alunos respondem ao incentivo da professora com a prática das leituras ou contação de histórias; c) identificar a importância da contação de histórias para as crianças e para a professora. De acordo com o estudo Bibliográfico desenvolvido é possível mostrar que com a Leitura, e no ato de escutar histórias da literatura infantil utilizado como um objeto de cultura, propicia ao aluno adquirir conhecimentos, apropriar-se de uma linguagem mais elaborada, informar-se e participa das interações, desperta sonhos e fantasias, torna-se criadoras e questionadoras de opinião. Os métodos utilizados na pesquisa teve a combinação de serem exploratório, explicativo e descritivo e qualitativo. A pesquisa constatou que o aluno nos primeiros anos escolares, sendo orientados e mediados adequadamente, levando-os ter contatos com livros e histórias infantil podemos torna-los leitores, e auxilia-los no seu desenvolvimento, intelectual, ajudando assim até se tornarem adultos cultos e letrados.

Palavras-Chaves: Literatura infantil, leitura, Aluno.

INTRODUÇÃO

Reconhecer a importância da literatura infantil e incentivar a formação do leitor na idade em que todos os “hábitos”¹ se formam, isto é, na infância, é o que esta pesquisa vem propor. Neste sentido, a literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. O presente estudo inicia com um breve histórico da literatura infantil, apresenta conceitos de linguagem e leitura, enfoca a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro e finalmente esboça algumas estratégias para desenvolver a formação do leitor.

Nesse artigo pretendemos nos apoiar na seguinte problemática levantada: Quais são os benefícios e contribuição que a leitura da literatura infantil traz para os alunos da educação infantil? Uso da literatura infantil como instrumento de leitura. Tendo como **objetivo geral**: Refletir como a literatura infantil pode contribuir para a formação do leitor no espaço escolar. E como **objetivos específicos**: a) analisar como o professor utiliza a leitura/literatura infantil para a formação do leitor, a partir da educação infantil; b) analisar como os alunos respondem ao incentivo da professora com a prática das leituras ou contação de histórias; c) identificar a importância da contação de histórias para as crianças e para a professora.

A pesquisa enfoca a importância da leitura como sendo um objeto cultural no qual a criança tem a probabilidade de se constituir enquanto leitor, quando é estimulada a apresentar sua opinião própria, no sentido de posicionar-se diante das histórias contadas e lidas. E, como consequência, pode adquirir conhecimentos, apropriar-se de uma linguagem mais elaborada, informar-se e participar das interações, que advém do ato de ler. Contudo sabemos que as maiorias das crianças fazem desse momento, um momento não de prazer mais sim como uma obrigação.

Percebemos que a literatura, como fonte inesgotável de informação criadora e questionadora de opinião, provavelmente, é pouco explorada nas escolas e isto ocorre, na maioria das vezes, pela desinformação dos professores. Nota-se quando o indivíduo chega a um curso (principalmente da área de humanas) com sérias dificuldades de ler e interpretar textos teóricos. Deixando transparecer o pouco ou quase nenhum contato com a leitura, embora compreendamos que essa é uma realidade da educação brasileira que, muitas vezes, está, de fato, presente nos lares brasileiros.

¹ Esse hábito não está relacionado à obrigação, no sentido negativo do termo. (GRIFOS MEUS).

Diante disso, é necessário que se compreenda que se deve ter em mente que o professor tem de cumprir com o seu papel de formar o leitor, mas para que se possa formar o leitor faz-se necessário que o professor seja um “modelo de leitor”, do contrário, jamais poderá formar o leitor que deseja. Provavelmente, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que, apesar de não ler, tentam ensinar, e pior estimular a leitura, quando, de fato, elas próprias não são estimuladas a praticar a leitura.

Sabemos da importância da leitura, principalmente nos primeiros anos de vida, pois é aí que podemos estimular uma criança a interessar-se pelos livros e é com essa intenção que trabalharemos esse tema. A literatura infantil, entre outras coisas, contribui para despertar o sonho, a fantasia, a criatividade e a criticidade, tanto na criança, como no adulto. Nesse sentido, compreendemos que é uma busca que precisa ser direcionada, até o aluno descobrir sozinhas suas preferências, no sentido de se tornar um adulto autônomo, capaz de caminhar de forma independente. O gosto pela leitura, se não é vivenciado na família, precisa, necessariamente, ser vivenciado na escola. E, em assim sendo, é a figura do professor que precisa estar preparada para formar o leitor, basta que a escola não encare a formação do leitor como sendo um desafio. Basta que o professor seja, apenas, um amante da literatura para que ele possa contaminar seus alunos, quando ele se deixa encantar pelos livros.

A escolha por esse tema veio da nossa experiência como mãe, pois ao contar as histórias para as crianças vemos seu interesse e entusiasmo, e quando a vemos recontando as histórias aumenta a nossa curiosidade. Foi a partir daí, que comecei a fazer dela meu instrumento de pesquisa onde fui percebendo sua evolução dia após dia, por meio da linguagem, da criatividade e do desenvolvimento cognitivo. Na realidade, meu interesse surgiu no primeiro ano de curso, quando houve a semana de pedagogia onde tiveram alguns minicurso e, dentre os quais, surgiu a oportunidade do de contação de histórias. É como se meu interesse em estudar pedagogia tenha advindo do meu desejo em auxiliar a criança em toda essa descoberta.

Nesse mini-curso sobre contação de história citado acima, aprendemos a representar a história de uma forma mais lúdica, tornando-a mais divertida para que o interesse da criança pela leitura crescesse, assim como, percebemos também que sempre que fazemos isso, é como se a criança se interessasse cada vez mais pela leitura. Provavelmente, isso, faz a criança apaixonar-se pelos livros e, mesmo não sabendo lê, não hesita em pegar o livro e recontar a história da forma que ficou entendida. A partir daí, faz-se necessário prestar atenção como se dá o desenvolvimento e criatividade das crianças que sempre escuta historinhas da literatura infantil.

Por que o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo as pessoas mais próximas da criança como personagem), livros curtinhos, sonoros, contados durante o dia, na rodinha na escola ou no momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada. Ler histórias é sempre,... poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento.

Pode-se perceber que esse desejo de contar histórias é mais antigo do que imaginamos, considerando que, desde tempos remotos, a história nasceu com o homem, no momento em que sente a necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Concentram-se aqui a íntima relação entre a literatura e a oralidade. A leitura é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida desde cedo. Ler significa sonhar, viajar com a imaginação, sentir prazer, significa também despertar a curiosidade, a aprendizagem, para ficar informado, para questionar e resolver problemas. A leitura permite ao leitor manipular o próprio tempo, envolvendo-o em ideias, acontecimentos e fazendo-o interagir com o mundo de forma mais atraente. Mas, o texto nunca é o mesmo, porque provoca em cada pessoa um sentimento diferente.

Segundo Abramovich (1995, p.17), ler é também despertar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. “[...] É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras, Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.”

É necessário, portanto, propiciar, nas salas de aula e nos momentos em roda de leitura, a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir da nossa gente, nossas crenças, expectativas e esperanças. A leitura é um processo amplo, que envolve a produção do sentido. De nada adianta ler sem compreender, ouvir sem gostar. É no encontro com qualquer forma de Literatura que as crianças têm a oportunidade de ampliar, transformar, ou enriquecer sua própria experiência de vida. Por isso, que ao contar histórias e trabalhar com a literatura infantil o professor deve

levar a criança a comentar sobre a historinha, a dizer se gostou ou se não gostou da historinha, sem exigir “cobranças didáticas”.

1. Concisa História da Literatura Infantil

Os primeiros livros para crianças surgem no século XVII e XVIII. Antes dessa época não se escrevia para eles, porque não existia infância, por que as crianças eram consideradas adultas em miniatura, então os ensinamentos da época eram nessa linha de pensamento. O aparecimento da literatura infantil decorre da ascensão da família burguesa. A criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto com características e necessidades próprias.

Os livros para crianças começaram a ser publicados no Brasil em 1808 com a implantação da Imprensa Régia, porém a literatura infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX. A literatura destinada ao jovem público brasileira se consolida somente nos arredores da Proclamação da República. O Brasil passou por um em processo de modernização, entre os quais se destacam a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana e a incorporação progressiva de levas de imigrantes à paisagem da cidade. Fazendo com que a escola exerça um papel fundamental para a transformação de uma sociedade rural em urbana.

Como elementos auxiliares nesse processo, os livros infantis e escolares são dois gêneros que saem fortalecidos das várias campanhas de alfabetização deflagradas e lideradas, nessa época, por intelectuais, políticos e educadores, abrindo espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida especificamente ao público infantil.

Nesta época existia uma enorme carência de material de leitura adequado às crianças do país e as quais contavam apenas com adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus que, muitas vezes, circulavam em edições portuguesas cujo código linguístico se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros. Em função da necessidade do abasileiramento dos textos, aumentando sua penetração junto às crianças, o início da literatura infantil brasileira fica marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira.

A literatura infantil é um fenômeno praticamente tão recente quanto à ideia de infância que temos hoje. Antes da ascensão da burguesia não havia livros de literatura específicos para os pequenos e, se eles quisessem ler, deveriam fazê-lo utilizando-se de textos adultos. Há obras que não foram produzidas para crianças, mas que se tornaram infantis por dialogarem com elas, enquanto outros textos foram produzidos especialmente para esse público.

As crianças tornam-se o centro em torno do qual se move o processo de criação e de produção de obras infantis. Esse fenômeno marca o fim da “inexistência” da infância. Esse é o contexto no qual surge a necessidade de pensar-se em livros infantis como instrumentos

pedagógicos capazes de contribuir na formação dos indivíduos que comporão as classes dominantes do futuro. Os jovens devem ser preparados para serem vencedores em um mundo em constante disputa.

Dessa forma nasce à literatura para crianças como um auxiliar das escolas na formação do pequeno cidadão em seu aprendizado dos valores capitalistas. Esse novo gênero utiliza-se de diversos tipos de textos já existentes, que são adaptados para atender melhor às necessidades de formação da criança burguesa, tais como: lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc. Os contos de fadas são os que caem na preferência das crianças, pelo fato de distinguirem-se dos outros pela presença do elemento mágico.

Começam a surgir autores preocupados com uma forma de expressão que seja verdadeiramente representativa do povo brasileiro, como Monteiro Lobato. Monteiro Lobato pertencia ao pré-modernismo, escreveu o primeiro livro para as crianças no Brasil no ano 1921, *A menina do nariz arrebitado*. Porém, sua obra mais famosa e as histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo e seus habitantes. A linguagem usada por Monteiro Lobato era colonial e acessível a todos.

Os Principais Autores são: Perrault: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “Pequeno Polegar”, etc. Irmãos Grimm: “A gata borralheira” (que de tão famosa recebeu mais de 300 versões pelo mundo afora), “Branca de Neve”, “Os Músicos de Bremen”, “João e Maria”, etc. Andersen: “O Patinho Feio”. Charles Dickens: “Oliver Twist”, “David Copperfield”. La Fontaine: “O Lobo e o Cordeiro”. Esopo: “A lebre e a tartaruga”, “O lobo e a cegonha”, “O leão apaixonado”.

No Brasil a literatura infantil deu os primeiros passos com as obras de Carlos Jansen (“Contos seletos das mil e uma noites”), Figueiredo Pimentel (“Contos da Carochinha”), Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. Porém, o mais importante escritor infantil foi Monteiro Lobato. (José Bento Monteiro Lobato nasceu em 1882 em São Paulo. Sua obra consiste em contos, ensaios, romances e livros infantis. Além de escritor, Monteiro Lobato foi tradutor. É considerado, juntamente com outros escritores brasileiros, um dos maiores e mais importantes nomes da nossa literatura).

As Principais Obras são: “Urupês”, “Cidades Mortas”, “Ideias do Jeca Tatu”, “Negrinha”, “Reinações de Narizinho” (livro que reúne várias histórias infantis), “Sítio do Pica-pau Amarelo”, “O Minotauro”. Além de Monteiro Lobato, outros escritores como

Ziraldos e Ana Maria Machado também se dedicam ao público infantil. Ziraldos: “O Menino Maluquinho”, “A bonequinha de pano”, “Este mundo é uma bola”, “Uma professora muito maluquinha”. Ana Maria Machado: “A Grande Aventura de Maria Fumaça”, “A Velhinha Maluquete”, “O Natal de Manuel”.

Apesar de tudo, a literatura infantil sofre alguns preconceitos, pois muitos escritores negam que suas obras são escritas para os pequenos. Isso nos dá a impressão que essa literatura não é tão importante, se esquecem de que se sua obra for boa e tiver conteúdo, ela poderá influenciar crianças de uma forma positiva.

Professores, educadores e pais querem criar em seus filhos e alunos o hábito da leitura, porém, muitos adultos não têm esse hábito e usam a falta de tempo e cansaço como uma justificativa para a pouca dedicação aos livros, sem perceber que essa atitude vai tirando o interesse da criança.

[...] Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam... (BETTELHEIM 1996, p.13).

Desde a década de 70, a literatura destinada ao público pré-adolescente (11 – 12 anos até a adolescência) vem sendo chamada de “Literatura Realista para Crianças”. Como o próprio nome já diz, esse tipo de literatura tem como objetivo levar a realidade da vida para as crianças abordando temas até então considerados impróprios (morte, divórcio, sexo e problemas sociais). Claro que a conscientização da realidade pode ser feita de outra forma, já que o universo infantil é repleto de magia, facilitando a transmissão das mesmas idéias sem chocar tanto. O mais importante de tudo é que as crianças conheçam todos os tipos de literatura, pois esse conhecimento irá ajudá-la a escolher a leitura que mais lhe agrada. É através da leitura que a criança descobre histórias fascinantes que leva-as a conhecer lugares, pessoas, épocas, hábitos e passam a ver algumas coisas com outro olhar, pois lhes possibilita viajar por novos mundos e fazendo com que as crianças aumentem a capacidade de refletir de criar, melhora a fala.

1.1 O que é a literatura infantil.

A palavra literatura vem do latim “litteris” que significa “letra”, que também quer dizer “escritos, cartas” e parece referir-se, primordialmente, à palavra escrita ou impressa. Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI,1996 p.7).

Hoje ouvimos muitas vezes os professores reclamarem do desinteresse dos alunos pela leitura. Existem vários fatores que contribuem para esse fato, por exemplo, os alunos preferem ler revistas, muitos não tem uma biblioteca em casa, outros preferem cinema, televisão e rádio, isso sem contar com outras atividades tão frequentes hoje em dia como sair para jogar futebol com os amigos ou jogar videogame. As crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel), muito populares na época.

Embora, tenhamos a consciência de que não basta apenas uma boa escolaridade para garantir melhores condições de vida para os alunos das camadas populares. Porém, é preciso grandes mudanças no que diz respeito à alfabetização dessas camadas populares. Já que o domínio da leitura e da escrita pode proporcionar maior acesso a uma cultura de qualidade, no sentido de interagir com uma variedade linguística e diferentes possibilidades do uso da língua escrita como recursos de comunicação dentro dos mais variados contextos onde uma pessoa possa estar inserida.

É indiscutível que o acesso à educação formal e, por que não dizer, que um nível mais elevado de escolaridade que uma pessoa possa alcançar em sua vida acadêmica, possa proporcionar um avanço social para este indivíduo. Sendo um dos caminhos para tornar este sujeito crítico e conhecedor de seus direitos e deveres como cidadão, podendo contribuir para o desenvolvimento político, cultural e até mesmo econômico do nosso país, já que os nossos alunos se tornarão no futuro os representantes desta nação.

Se esperamos que o Brasil cada vez mais conquiste seu espaço no cenário mundial, então precisamos investir sem dúvida na Educação Brasileira e continuar a procurar os melhores meios para sanarmos os problemas ainda presentes em nossa alfabetização. Mas, o fato dos nossos alunos dominarem apenas o uso da leitura e da escrita não os tornam sujeitos

críticos, questionadores e conscientes de seus direitos e também dos deveres enquanto cidadãos. Para isso, precisamos levar nossos alunos além da simples apropriação de uma escrita alfabética, mas contribuir para a formação de seres pensantes e criativos. De acordo com Soares a alfabetização até então vigente não tem atingido o objetivo de apropriação consciente desta alfabetização.

[...] na verdade frequentemente camuflam, sob o pretenso, alfabetizado, aquele que, embora tenha aprendido a ler e a escrever, não se apropriou verdadeiramente da leitura e da escrita como bem simbólico de uso político, social e cultural, não se integrou realmente na cultura letrada: ao povo tem-se permitido que aprenda a ler e a escrever, não se lhe tem permitido que se torne leitor e produtor de textos (SOARES, 2003, p.59).

E não podemos esquecer-nos de outro grande vilão contra a leitura que é o computador, claro que se ele for usado como instrumento de leitura ele deixará de ser esse vilão porém não é isso que acontece, as crianças deixam de ler livros para jogar ou acessar as redes sócias e deixam também de brincar com os brinquedos, e querem os jogos eletrônicos. E estes dentre outros são um dos motivos que levam as dificuldades de leitura e linguagem e escrita dos alunos brasileiros.

Desse modo, é importante refletir sobre este uso da escrita, pois segundo Soares (2003, p.65) os “estudos e pesquisas a respeito da alfabetização no Brasil, sob essa perspectiva das funções sociais da escrita, são urgentes [...]”.

Já que mesmo antes de frequentar um ambiente escolar a criança dispõe de um saber sobre a escrita e que este acesso à escrita foi construído através de sua participação em práticas sociais em que a escrita ganha sentido. Então, cabe ao professor ser um mediador nessa tarefa de reconhecimento desse saber da escrita com sua importância social e as suas diversas possibilidades de uso que tanto contribuíram ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade.

O analfabetismo ainda é um obstáculo ao crescimento do país, não é mais aceitável que com a economia em constante ascensão tenhamos tantas defasagens nos diferentes setores da sociedade, com destaque para a Educação. Considerando que “A língua escrita permanece como mais um dos conteúdos escolares distantes da vida em função de princípios metodológicos ultrapassados, mas infelizmente tão arraigados nas práticas em sala de aula” (COLELLO, 2011. p.5).

A importância de ouvir, contar e Conhecer a História, é transmitir confiança, evitar descrições cheias de detalhes, Usar as modalidades e possibilidades da voz, mostrar que o que ela viu está impresso num livro, fala do Autor.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. Então é importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois segundo Abramovich (1997, p.23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... E, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH 1995, p.17).

Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo hoje tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade.

Porém, ao longo da história da Alfabetização no Brasil, nos deparamos com uma triste realidade, como veremos a seguir.

Durante o período da Nova República (1946/1963) tivemos as contribuições Anísio Teixeira com a fundação do Centro Popular de Educação; a didática do educador Lauro de Oliveira Lima baseada na teoria de Jean Piaget (Método Psicogenético); a educação passa a ter sua própria administração com a criação do Ministério da Educação e Cultura; a campanha de alfabetização baseada na didática do educador Paulo Freire que fez uma importante contribuição para alfabetização de jovens e adultos das camadas populares; em 1962 é criado o Conselho Federal de Educação, cumprindo o artigo 9º da Lei de Diretrizes e Bases, substituindo o Conselho Nacional de Educação e a criação também dos Conselhos Estaduais

de Educação. Ainda no mesmo ano é criado o Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização, pelo Ministério da Educação e Cultura, baseados no método de Paulo Freire.

Quando estudamos a história da alfabetização brasileira não poderíamos deixar de mencionar a centralização do uso das cartilhas dentro das salas de aula e os métodos de ensino aprendizagem, suas características, contribuições e consequências durante o processo de alfabetização (GARCIA, 2008).

As primeiras cartilhas foram produzidas durante o século XIX em sua maioria por professores fluminenses e paulistas e neste período a expansão da escola pública primária acelerou este mercado editorial. Nos meados da década de 1990, acontece no Brasil a implantação do Plano Nacional do Livro Didático e em 1996 o Governo Federal implementa a política de avaliação das cartilhas. Além disso, as cartilhas foram fortemente utilizadas como um instrumento de consolidação de métodos e conteúdos de ensino (GARCIA, 2008).

Quanto aos métodos de alfabetização podemos dizer que cada um a seu tempo contribuiu para o desenvolvimento do ensino da leitura e da escrita, até mesmo no que diz respeito aos aspectos negativos de cada método tivemos um referencial para superarmos os pontos fracos e seguirmos a diante na tentativa de aperfeiçoar nossas práticas alfabetizadoras. Sendo assim, podemos citar os métodos sintéticos de alfabetização brasileira, utilizados em diferentes épocas por diversos professores alfabetizadores, o método de marcha sintética (da parte para o todo); da soletração (alfabético) ensinava-se a partir do nome das letras do alfabeto; método fônico (partindo dos sons correspondentes às letras) a também o da silabação (partindo das sílabas, através da apresentação das famílias silábicas). Esses métodos eram utilizados para o desenvolvimento da leitura seguindo sempre uma mesma ordem de apresentação: letras, sílabas, palavras e pequenas frases quase sempre através do uso das cartilhas. Já o ensino da escrita tinha como finalidade de reprodução de uma perfeita caligrafia e ortografia através de atividades exaustivas de cópias, ditados e formação de frases com palavras direcionadas pelo professor de acordo com a letra em estudo, inibindo qualquer criatividade por parte do aluno (COLELLO, 2003).

A partir de 1880 passa a ser divulgado no Brasil o método João de Deus, esse método consistia em ensinar a criança através da leitura da palavra (palavração). E, é claro, tivemos uma divergência dos defensores desde até então novo método com os defensores dos métodos de soletração, fônico e silabação (os sintéticos).

Mas adiante temos a implantação de um novo método dentro das salas de alfabetização, o analítico. Neste, o ensino da leitura deveria partir do todo (a palavra) para

depois a criança analisar as partes menores como letras, sons e sílabas. Muitos profissionais de educação criticaram fortemente esse método, pois afirmavam que os resultados durante a aquisição da leitura e da escrita durante o ano letivo eram muito lentos.

Então, mais uma vez acontece uma divergência de opiniões do melhor método a ser utilizado em nossas salas de aula, entre os que preferiam os métodos sintéticos ao invés do método analítico (MORTATTI, 2010).

Na busca do caminho mais eficiente a ser seguido em nossas turmas no ensino da leitura, surgem os métodos mistos ou ecléticos, o que pode ser entendido como uma junção do analítico com o sintético ou do sintético com o analítico. É claro, não houve aceitação de todos os alfabetizadores quanto a essa junção dos métodos. Ainda neste momento, o ensino da escrita limita-se apenas ao bom uso da caligrafia e ortografia, sendo ensinada apenas como complemento da leitura.

Apesar de todas as tentativas da utilização dos mais variados métodos até aqui mencionados, o fracasso durante o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, a alfabetização ainda fazia parte da fracassada história da educação brasileira.

Mais uma vez, na busca de soluções para nossos problemas na área da educação, é introduzido em nossa prática o construtivismo, desenvolvido a partir das pesquisas da pesquisadora argentina Emília Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita. Nesse momento, as cartilhas que sempre foram um importante instrumento de alfabetizar passaram a ser criticadas pelos defensores de uma postura construtivista e quase foram totalmente banidas de nossas salas de aula.

Sendo assim, somente a partir do século XX e início do século XXI a alfabetização passa a ser vista com uma nova visão. Onde se passou a se preocupar em formar alunos críticos, leitores e escritores não apenas de conteúdos escolares transmitidos, mas também de suas próprias ideias e opiniões. Essa busca veio dos envolvidos no cenário escolar, ao atentarem para os resultados assustadores das diversas pesquisas realizadas pelo IBGE, divulgando a real situação de escolas públicas de todo território brasileiro. Infelizmente, ainda presenciamos uma grande parte de alunos do sistema público de ensino avançarem na escolaridade sem dominar a leitura e a escrita corretamente ou ainda o número alarmante de crianças e adolescentes em defasagem idade-série, mesmo diante da idade já avançada não leem nem escrevem alfabeticamente, ou seja, podem ser considerados analfabetos funcionais (COLELLO. 2003).

As praticas até então vigentes, passaram a ser criticadas por estudiosos baseados nas teorias construtivistas e interacionistas, com a importante contribuição das autoras Emilia

Ferreiro e Ana Teberosk (2003) sobre a psicogênese da Língua Escrita influenciando em novas práticas de alfabetização. Para essas, era importante às crianças interagirem com a escrita, percebendo seus usos e funções através de atividades significativas de leitura e produções de textos para apropriação do sistema de escrita alfabético. A psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky teve um importante papel na Educação Brasileira no desenvolvimento do conceito do processo de aquisição da leitura e da escrita.

As autoras retiram de cena esse foco no ensino e neste professor centralizador e detentor de um conhecimento e até mesmo de uma prática tida como uma verdade absoluta que não poderia e não deveria ser questionada. Elas procuram mostrar que na aprendizagem o mais relevante seria observarmos como a criança de fato aprende, além, de proporem uma nova abordagem de pré-requisitos antes da apropriação da leitura e da escrita convencional. Também não podemos deixar de mencionar que as autoras foram pioneiras no que conhecemos como ambiente alfabetizador. Direcionando um novo olhar para o uso da escrita como uma prática social e situando este aluno em um ambiente oportunizador de interação com a leitura e a escrita, através dos mais variados portadores textuais. Permitindo a este aluno da escola pública uma significação deste conhecimento.

Quando as autoras propõem um ambiente alfabetizador podemos perceber, uma ruptura com os métodos tradicionais, se consolidando um novo cenário político dentro das salas de alfabetização, através de um estreitamento desta leitura e do uso da escrita.

Na década de 90, surge um novo discurso de se considerar às funções e os usos da língua escrita durante o processo de alfabetização através de atividades significativas de leitura e escrita, era preciso letrar nossos alunos. Segundo Soares (1998), o termo letramento é a versão para o Português da palavra de língua inglesa literacy, significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. O termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela. E, esta ainda ressalta uma distinção entre os termos. Alfabetização corresponde à ação de ensinar e aprender a ler e escrever, já letramento pode ser considerado como o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais que usam a escrita. Como afirma Soares (1998, p. 47).

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário; o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Sendo assim, é preciso que seja revisto as práticas de alfabetização, visando não só alfabetizar, mas também letrar. Formar cidadãos capazes de conhecer o valor e utilidade da escrita, sabendo utilizá-la em diversos contextos.

1.2. A importância da literatura para a formação do leitor.

A linguagem oral está presente no cotidiano e na prática das instituições de educação infantil à medida que todos que dela participam: crianças e adultos, falam se comunicam entre si, expressando sentimentos e ideais. Sendo a linguagem, o principal veículo de comunicação na educação infantil, ela precisa estar presente cotidianamente na vida da criança. A maneira como as diversas instituições vão trabalhar essa linguagem é própria de cada uma, e a maioria tem maneiras diferente ES de ensinar, de acordo com seus critérios, culturas e valores. “Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de”. “Compreender e de aprender através da leitura depende Fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou Seja, antes da leitura” (FERREIRO, 1990 p. 15).

A tarefa de formar alunos leitores necessita de professores envolvidos com a literatura desde o início, na Educação Infantil. A literatura infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade, com isso amplia o conhecimento do mundo, viaja num mundo de imaginação e fantasia.

O livro “O Professor e a Literatura: Para Pequenos, Médios e Grandes” de Ligia Cadermatori, trás reflexões sobre a formação de novos leitores, sobre a influência do professor, e observaremos a Literatura infantil a narrativa e o tumulto do mundo. A leitura de uma literatura infantil pode-se parecer só um escapismo, ou seja, uma fuga da realidade, mas também era uma abertura para novos horizontes, colaborando pra uma melhor escrita, leitura, um novo vocabulário.

Com isso o leitor passa a experimentar a liberdade de pensamento, a descoberta da própria voz, quando se lê, a voz ecoa dentro da mente e só o leitor escuta, pois existe um mundo paralelo criado a partir de um livro, onde o interesse de um livro pode ser pra um e outro tema pra outro, e pode-se não gostar de ler, porem isso pode ocorrer, a vivencia de um leitor com um não leitor e ser percebido, pois não se consegue fingir que está lendo, como fala “é impossível alguém fingir que está lendo um livro. Os olhos traem você. A respiração também” (JONES, 2007). Já com o leitor assíduo (JONES, 2007) APUD (CADERMATORI,

2009). Continua dizendo que “a casa pode pegar fogo e quem estiver mergulhado num livro não levanta os olhos”.

O professor pode através da leitura de literaturas infantis trabalharem vários aspectos da criança, onde ele observa o aluno e seu comportamento e o que está acontecendo, e se utiliza de livros que tragam algum ensinamento para o desenvolvimento do aluno como timidez, amizade, boas maneiras fazendo com que a os estímulos as alguns hábitos tenham uma maior fixação na mente dos alunos ao utilizar o recurso da leitura.

2. O que a pesquisa nos diz?

O respectivo projeto será realizado através da pesquisa qualitativa, que proporcionará uma interpretação dos dados coletados, no qual terá uma relação mais intensa entre objeto e sujeito, pois ambos estarão no mesmo contexto. “A coleta de dados qualitativos é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estará certamente impregnada pela história pessoal daquele que observa.” (MALHEIROS, 2011, p. 188) .

Entretanto, percebe-se o cuidado que se deve ter com a pesquisa qualitativa, pois não há uma verdade única, os resultados não podem ser colocados como objetos materiais, ou muito menos, podem ser medidos ou pesados. “O trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno, portanto, suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais”. (Idem, p.189)

Na área educacional a pesquisa qualitativa é a mais utilizada, já que os objetos de estudo frequentemente, são mais complexos e variantes, os estudos não vão para área das exatas, das contas de medições matemáticas. Nós, da pedagogia, trabalhamos mais com pessoas, fotos, ações, e assim fica impossível medir nossa ciência, até mesmo por que, a verdade aqui é a interpretação dos fenômenos, com afirma Malheiros (2011): “A abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz de um fenômeno, não o fenômeno em si.” (p.188)

2.1 Dados da pesquisa sobre o uso da literatura infantil

Para chegarmos ao método da observação, é preciso, inicialmente, todo um preparo, um planejamento sobre que fatores merecerão destaque na observação, havendo assim toda uma organização para que depois os dados possam ser levantados, e que em sequência possam ser analisados sutilmente, para que se possa finalmente, chegar a um melhor entendimento da pesquisa realizada. Portanto, “o estudo observacional pressupõe um sólido planejamento já que, em paralelo ao levantamento de dados, é imperativo garantir a redução das impressões subjetivas, além de se ter clareza sobre o fenômeno que se deseja observar” (MALHEIROS, 2011, P.190).

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, pretendo observar e analisar, uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, contendo 25 alunos, com idade de 06 anos, na escola municipal Francisco pereira da Nobrega da capital João Pessoa – PB.

Em função dos objetivos destacados, o estudo empregará entrevistas por roteiro que “(...) são conduzidas com base em roteiro previamente estabelecido que orienta o pesquisador sobre o que se deseja saber da pessoa ou do grupo que é entrevistado”. (MALHEIROS, 2011, p.196) Contendo ainda, observação sistemática que é “(...) um processo observacional, principalmente a um roteiro prévio que deve ser seguido (...)” (MALHEIROS, op.cit. 190). Portanto, a estrutura da pesquisa será por meio de um roteiro prévio, para que assim, as partes essenciais da pesquisa não passem despercebidas.

A escolha da entrevista justifica-se por ser um meio excelente para um iniciante na área da pesquisa científica, assim, a pesquisadora já vai a campo com a estrutura previamente organizada, será questionado e a quem. Mas. A entrevista proporcionará um diálogo orientado, do qual, será coletado os dados fundamentais para a interpretação da realidade, porém, para que isso ocorra com eficiência é preciso escutar de forma ativa e escutar para além das palavras que são ditas, pois muito das respostas que se busca, ficam nas entrelinhas, nas pausas da fala, nos risos, enfim, é preciso estar muito atento para não ser burlado pelo entrevistado, afinal de contas ele é um sujeito pensante e inteligente.

Para se chegar ao resultado da pesquisa, o objetivo é juntar as informações, analisá-las e torná-las disponível aos informantes. Mas essa disposição levará a interpretação dos dados coletados e mensurados, levando em conta todos os discursos, relatos, entrevistas e

observações feitas. A interpretação dos dados abordará todos os métodos e instrumentos utilizados na pesquisa, dando ênfase aos acontecimentos mais relevantes e significativos observados em campo, daí então, virá uma análise minuciosa dos dados, para que em seguida o resultado seja divulgado.

2.3 RESULTADOS E DISCURSSÃO DA PESQUISA.

A análise, com base na entrevista semiestruturada de abordagem qualitativa, aplicada a uma professora da rede municipal Francisco Pereira da Nobrega da cidade de João Pessoa-Paraíba, que conforme combinado, sua identidade será mantida em sigilo ela será chamada de “D”. A professora “D” leciona há sete anos, onde cinco foi na educação infantil, e 2 anos nesta escola à aproximadamente dois anos no primeiro ano do ensino fundamental.

O trabalho foi constituído de uma revisão Bibliográfica, baseando-se toda a análise do posterior estudo, fundamentando referida entrevista, como afirma: (GOLDENBERG, 2004, p. 68) “Fazer uma pesquisa significa aprender a pôr ordem nas próprias ideias”. Foi feita uma entrevista que contava com questões que conjugava respostas abertas e explicativas. Buscamos analisar as resposta a partir do posicionamento da entrevistada, a fim de conseguirmos alcançar entendimento para a nossa pesquisa, sobre o uso da Literatura infantil em sala de aula, e quais outras artificios a professora “D”, utilizava para desenvolver a leitura.

Quanto a Estrutura da escola, é de grande porte, a entrada tem um (1) jardim e uma (1) quadra, possui sala uma (1) de informática, Uma (1) Biblioteca, um (1) laboratório de ciências, duas (2) salas de multimídias, uma (1) sala de recurso para crianças especiais, um (1) refeitório, uma (1) cozinha, uma (1) sala dos professores, uma (1) diretoria, uma (1) sala dos especialistas, um (1) sala de artes, dez (11) salas de aulas porém (1) uma não está sendo utilizada< esta sala fica dentro a Biblioteca, o ensino fundamental I só funciona no período da tarde.

As questões que foram feitas na entrevistas:

2.3.1 Como você utiliza a leitura/literatura infantil em sala de aula? Relate-os.

A professora “D” relatou que na sua sala de aula, ela reserva sempre um momento para a leitura de livros infantis, procurando deixar as crianças a vontade para manusear os

livros. Que sempre destaca a importância da leitura para elas e o cuidado que devemos ter com os livros. As crianças que ainda não são alfabetizadas realizam a leitura de imagens, como também fazem o relato e a interpretação das histórias lidas pela professora, na linguagem delas.

Como a professora “D” falou q mesmo aluno ainda não sabendo ler ou seja decodificar pois as letras elas tendo acesso aos livros conseguem fazer a leitura não verbal, podendo, colocar em prática a imaginação, como afirma Zilberman, (1984, pg. 107):

“As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.”

Uma criança mesmo ainda não conhecendo o código, ou seja, não sabendo ler é capaz de interpretar, imaginar, e criar histórias, ela tem toda a possibilidade de através do símbolo, do lúdico compreender, e a que já sabe ler quando tem essa oportunidade de manusear o livro, recebe o privilégio de melhorar seu conhecimento lhe tornando um ser crítico e conhecedor dos mais diversos assuntos.

2.3.2 Caso você se utilize da prática de contação de história, relate a forma como os alunos respondem a prática das leituras ou contação de história?

A professora “D” falou que além do livro de histórias infantis, se utiliza alguns outros recursos como o avental, o tapete, fantoche, e a luva para realizar o relato. Afirmando que de maneira geral as crianças se interessam em participar desses momentos, prova disso é que assim que pega alguns desses recursos eles querem formar logo a roda de leitura, nesse momento surgem também alguns questionamentos sobre a história. Depois desse momento gostam de manusear e apreciar o recurso utilizado. ABRAMOVICH (1993, pg. 16) ressalta:

"[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...]."

Ao utilizar outros recursos que não só o a leitura de histórias em livros, contando de uma forma Lúdica, proporciona as crianças a oportunidade de imaginar se divertir e ir ainda mais longe podendo trabalhar muitos assuntos que sempre surgem no dia a dia de

sal de aula, sabemos que através da contação de histórias também possibilita tratar de temas que sejam observados, como timidez, diversidade, alimentação, entre outros, fazendo ou melhor levando os alunos a refletirem sobre algumas dificuldades, sobre a vida, sobre a morte, sobre atitudes e escolhas.

2.3.3. Como você encara a leitura/literatura infantil, a partir da educação infantil?

A professora “D” afirma acreditar que o trabalho da educação em geral está totalmente ligado à leitura, partindo da educação infantil a literatura torna-se essencial para a formação do indivíduo, não se limitando à alfabetização das crianças, mas pensando que será uma porta para o mundo da escrita, o hábito da leitura será um benefício para toda a vida.

Como educador é correto afirmar também que a história pode ser utilizada não só para a alfabetização como afirmou a professora, mas também pode-se permear por várias outras áreas, trabalhando outros conteúdos, como matemática, história, geografia, ciências, português, etc. favorecendo a compreensão de outros conhecimentos e lhes ajudando tanto na leitura como na escrita e também na expressão oral. Como diz Garcia, 2003, p. 15. “E Não há exagero nenhum em dizer que toda alma, para ser saudável, precisa se alimentar com boas e inesquecíveis histórias!”.

Concluindo assim que todo o estudo Bibliográfico feito anteriormente, veio se confirmar com esse estudo de caso mostrando que a utilização da leitura de livros e contação de histórias, abrangendo mais foram confirmadas aqui que esse ato de ler, ouvir histórias faz com que o indivíduo se desenvolva melhor, e traz inúmeros benefícios cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, podemos entender que a grande dificuldade durante o processo de alfabetização é, devido o resultado das metodologias de ensino como também das práticas escolares em que predominam práticas metodológicas que não proporcionar aos nossos alunos das camadas populares um maior acesso à leitura com uma significação em seu cotidiano. Ou seja, o uso da leitura como uma prática, não apenas como mais um conteúdo escolar a ser transmitido durante sua escolarização.

Durante um longo período da história da Educação Brasileira o ensino da língua escrita limitou-se apenas a repetição e memorização de um código, denominado de alfabético. Através do uso enfadado das cartilhas como manual de instruções da prática do professor alfabetizador. Embora a leitura e a escrita, sejam conhecimentos básicos na formação de um aluno é preciso repensarmos a dinâmica do ensinamento dessa leitura durante o processo de alfabetização, como ferramentas de oportunidades na luta pela igualdade para todas as classes sociais, contribuindo na formação de cidadãos letrados e conscientes de seus direitos e deveres. Pois, a real significação da educação transmitida dentro da escola deve ser sem dúvida emancipatória tirando-os assim da alienação que a falta de conhecimento nos faz nessa nossa sociedade democrática.

As novas perspectivas do ensino durante a alfabetização devem valorizar o contexto social do aluno, importando-se em mediar leituras que lhes orientes em vários aspectos do seu cotidiano para assim lhe auxiliarem nas mais diferentes situações, para que esse conhecimento adquirido através da leitura que lhe fora introduzida desde muito cedo no ambiente escolar possa ser percebida também como um meio de fruição e de comunicação tanto formal quanto informal. Para isso é preciso uma alfabetização muito além da cartilha que preocupa-se apenas com a aquisição do domínio alfabético da escrita. Mas a utilização dos mais variados tipos de textos, como a leitura diária da literatura infantil, na rotina escolar, trazendo o costume a esse habito se utilizando de temas que vem sendo praticado no contexto social do aluno e permeando no seu uso da escrita, valorizando a transmissão de valores, tradições e padrões. Pois, nas mais variadas situações do cotidiano nos deparamos com o uso da leitura e da escrita.

ABSTRACT:

This article is about a study on "The use of children's literature as a cultural practice of reading". The research was applied to a teacher of the 1st year of elementary school I that is where the literacy of the student is given. This research has as general objective to reflect how the children's literature can contribute to the formation of the reader in the school space and as specific objectives: A) to analyze how the teacher uses the reading / children's literature for the formation of the reader, from the infantile education; B) analyze how the students respond to the teacher's incentive to practice reading or storytelling; C) identify the importance of storytelling for the children and the teacher. According to the developed Bibliographic study it is possible to show that with reading, and in listening to stories of children's literature used as an object of culture, it allows the student to acquire knowledge, to appropriate a more elaborate language, to be informed and Participates in the interactions, awakens dreams and fantasies, becomes creative and questioners of opinion. The methods used in the research had the combination of being exploratory, explanatory and descriptive and qualitative. The research found that the student in the early school years, being properly oriented and mediated, leading them to have contacts with children's books and stories can make them readers, and helps them in their intellectual development, thus helping them become educated adults And lawyers.

Key-words: Children's literature, reading, Student.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 1995,

(Carlos Drummond de Andrade, Literatura Infantil, em Confissões de Minas) IN EVANGELISTA, Aracy Alves Martins - **A ESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA** - O Jogo do Livro Infantil e Juvenil, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.1

CADERMATORI, Ligia. **O Professor e a literatura: Para Pequenos, Médios e Grandes**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2009. (Conversas com o professor; 1).

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas As Letras**. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCIA, Regina Leite. **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

GOLDENBERG, Miríam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

ZILBERMAN, Regina, **Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor**. In. A produção cultural para a criança. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

WEBSITE

GOMES, Cristina. **Literatura Infantil - InfoEscola** Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/> Acessado em: 29/07/2013 às 19h07min

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A Pedagogia da Exclusão no Ensino da Língua Escrita.** Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur/silvia.htm> Acesso em 29 de Julho de 2017.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.**

Disponível em: <HTTP://www.scielo.com.br> Acesso em 29 Julho de 2017.

BECKER, Celia Doris. **História da literatura infantil brasileira.** In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). *Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação.* Porto Alegre, 2001. p.35-41. Disponível em: <http://leitoraliterarianafae.blogspot.com.br/2012/06/origem-da-literatura-infantil.html/> Acesso em 30/07/2017

APÊNDICE

APÊNDICE A

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA:

1. Como você utiliza a leitura/literatura infantil em sala de aula? Relate-os.
2. Caso você se utilize da prática de contação de histórias, relate a forma como os alunos respondem a prática das leituras ou contação de histórias?
3. Como você encara a leitura/literatura infantil, a partir da educação infantil?

RESPOSTAS:

1. Na minha sala de aula, reservo sempre um momento para a leitura de livros infantis, procuro deixar as crianças a vontade para manusear os livros. Destaco a importância da leitura para elas e o cuidado que devemos ter com os livros. As crianças que ainda não são alfabetizadas realizam a leitura de imagens, como também fazem o reconto e a interpretação das histórias lidas pela professora, na linguagem delas.
2. Além do livro de histórias infantis, utilizo alguns recursos como o avental, o tapete, fantoche, e a luva para realizar o reconto. De maneira geral as crianças se interessam em participar desses momentos, prova disso é que assim que pego alguns desses recursos eles querem formar logo a roda de leitura, nesse momento surgem também alguns questionamentos sobre a história. Depois desse momento gostam de manusear e apreciar o recurso utilizado.
3. Acredito que o trabalho da educação em geral está totalmente ligado a leitura, partindo da educação infantil a literatura torna-se essencial para a formação do indivíduo, não se limitando a alfabetização das crianças, mas pensando que será uma porta para o mundo da escrita, o hábito da leitura será um benefício para toda vida.

MOMENTO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

